

SAÚDE. AS DOENÇAS NEUROPSIQUIÁTRICAS JÁ RELATADAS

O ATAQUE DO CORON

O Sars-CoV-2 não chega apenas aos pulmões. Também vai até ao cérebro e pode causar inflam

Um dos primeiros estudos sobre o impacto da Covid-19 remonta a junho de 2020, em França, quando uma equipa de investigadores da Universidade de Estrasburgo detetou alterações neurológicas em 67% dos 58 pacientes que estiveram em cuidados intensivos e que participaram no estudo. Depois de receberem alta, um terço deles registou desatenção e desorientação.

Meses depois, em março de 2021, ainda pouco se sabe com certeza sobre os efeitos a longo prazo da doença no cérebro dos pacientes. “Quase todos os quadros psiquiátricos estão descritos em doentes com Covid, mesmo sem antecedentes de doença mental”, diz à **SÁBADO** a psiquiatra Filipa Moutinho, que esta 5ª feira, dia 4, inaugura no centro clínico PIN, em Lisboa, uma consulta dedicada à avaliação e intervenção dos sintomas neuropsiquiátricos pós-Covid.

Desapego emocional

Alguns quadros psiquiátricos são surpreendentes. À *Newsweek*, a 10 de fevereiro, o neurocientista Gabriel de Erausquin, da Escola de Saúde da Universidade do Texas, EUA, contou o caso de uma das suas médicas assistentes, jovem mãe e infetada, que teve de ficar em isolamento um mês. Mas o afastamento do filho não a importou nada – uma frieza que a todos surpreendeu.

Ou seja, pode haver também casos de desapego emocional. Filipa Moutinho não conhece o caso em concreto, mas diz que “no pós-parto há maior suscetibilidade para qualquer doença mental, incluindo a mais grave”. E ainda está por apurar (e não vai ser tão cedo) o impacto do vírus nas grávidas. “Há doenças

mentais relacionadas com infeções virais maternas. Por exemplo, o vírus influenza – o que parece ter acontecido com a esquizofrenia anos após a Gripe Espanhola. As perturbações do espectro do autismo também podem estar relacionadas com infeções virais na gravidez.”

Parkinson ou Alzheimer

◉ A porta de entrada do Sars-CoV-2 no sistema nervoso central é o nariz, ou seja, quando inalamos o vírus e ele chega ao bulbo olfativo. “As vias de entrada alternativas incluem transporte através da barreira hematoencefálica [membrana protetora e reguladora do sistema nervoso central], após viremia [vírus no sangue], ou através de leucócitos [glóbulos brancos] infetados”, lê-se na *The Lancet* de 1 de setembro. Uma vez no sistema nervoso central, o vírus provoca reações inflamatórias – algumas já conhecidas (perda de paladar ou de olfato), outras menos.

O facto de a maior parte das pessoas não ser um caso grave de Covid e/ou remitir as alterações neurológicas que sofreu é fraco consolo porque há demasiadas pessoas infetadas. “Todas as infeções ou doenças que provoquem um quadro de inflamação grave podem mais tarde aumentar o risco de doenças neurodegenerativas, como Parkinson ou Alzheimer, por exemplo, e essa relação neuroinflamação-neurodegeneração tardia está estabelecida”, diz Filipa Moutinho.

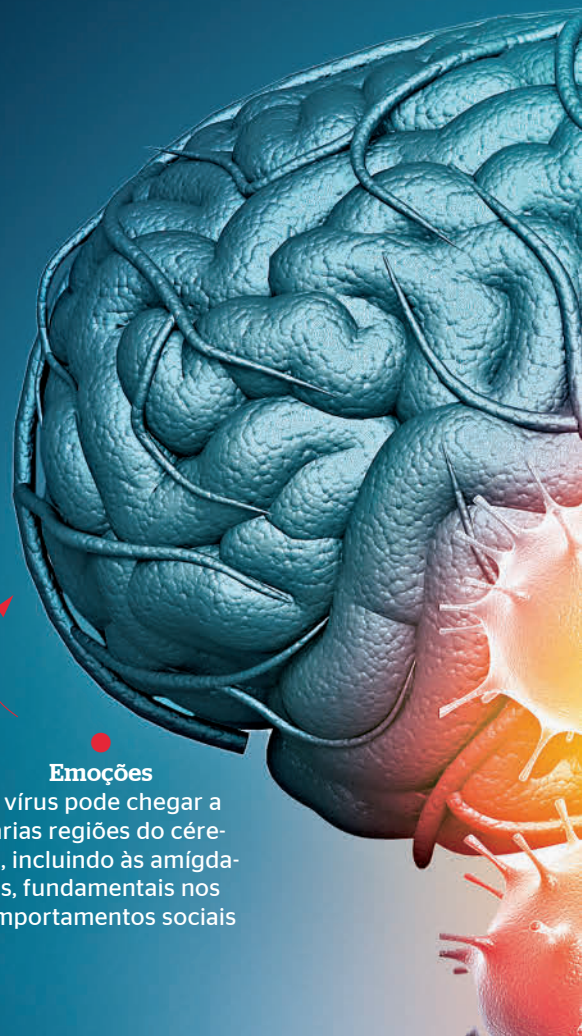
Outra dúvida é se os medicamentos e terapêuticas que são usados hoje para outras doenças psiquiátricas resultam nos doentes que tiveram Covid. “Há muitas alterações neuropsiquiátricas já descritas em doentes Covid que podem ir das me-

“30% A 50% DOS DOENTES HOSPITALIZADOS SÃO AFETADOS NEUROLOGICAMENTE”, DIZ MÉDICO AMERICANO

nos graves, como insónia, ansiedade, sintomas depressivos isolados, até às perturbações depressivas/ansiosas, perturbação de stress pós-traumático, e situações mais graves, como quadros psicóticos, síndromes confusionais ou encefalites/encefalopattias”, conclui a psiquiatra.

AVC

◉ “A nossa melhor estimativa é de que 30% a 50% dos doentes hospitalizados são afetados neurologicamente”, declarou Majid Fotuhi em



Emoções

O vírus pode chegar a várias regiões do cérebro, incluindo às amígdalas, fundamentais nos comportamentos sociais

AVÍRUS AO CÉREBRO

ações e lesões mortais. A próxima pandemia pode ser psiquiátrica. Por **Marco Alves**

novembro à American Psychological Association. O médico americano publicou em junho de 2020 no *Journal of Alzheimer's Disease* um artigo que começava por elencar o que já tinha sido detetado na altura: “Anosmia [perda de olfato], AVC, paralisias, encefalopatia, delírios, meningite e convulsões.”

Os AVC não costumam ser referidos, mas estão a acontecer em casos mais graves, porque as inflamações no cérebro causadas pelo vírus po-

ENTRE 0,5 E 2% DOS DOENTES (MESMO QUE TENHAM SINTOMAS LEVES) PODEM SOFRER AVC

dem originar coágulos de sangue. “Os acidentes vasculares cerebrais ocorreram em pacientes com Covid-19 de todas as idades – e, de facto, os médicos relataram que alguns adultos com menos de 50 anos foram ao hospital com um acidente vascular cerebral como a sua primeira complicação de Covid-19, enquanto os seus sintomas respiratórios eram leves”, alertou já a American Psychological Association.

Um estudo publicado em dezembro no *European Heart Journal Supplements* dizia que entre 0,5 e 2% dos infetados “sofreram um AVC” e que o mesmo costumava ser “grave” e com “prognóstico desfavorá-

vel”. “A maioria dos pacientes sofreu de oclusão das grandes artérias que alimentam o cérebro, causada pelos distúrbios de coagulação induzidos por Covid-19”.

Em fevereiro de 2021, o médico americano Avindra Nath publicou no *The New England Journal of Medicine* um estudo em cérebros de cadáveres Covid. Detetou o que chama “anormalidades” em 10 dos 18 cérebros. Mais: “11 tinham sido encontrados mortos ou morreram súbita e inexplicavelmente.”

Fadiga persistente

● A consulta no PIN Lisboa é uma das primeiras respostas a uma nova procura no mercado. “Independentemente da gravidade da infeção, até 10 por cento das pessoas infetadas vão desenvolver uma síndrome designada *long Covid*. Mais do que a persistência dos sintomas originais da infeção, há uma continuação e mesmo surgimento de outros sintomas 12 semanas após a infeção original – e são sintomas muito abrangentes. Os que parecem ter um maior impacto funcional, para além das queixas respiratórias, são a fadiga e os sintomas psicológicos e neurocognitivos: falta de atenção e de concentração (muito descrita pelos doentes jovens), insónia, ansiedade, depressão.”

A fadiga persistente é um dos rastros da Covid-19. Um estudo irlandês publicado em novembro mostrava que dos 128 doentes recuperados, mais de metade (52%) ainda tinham fadiga persistente 10 semanas depois. Um terço (31%) ainda estava de baixa. E parecia ser transversal a doentes ligeiros, moderados e graves. ■

Brain fog

● Expressão inglesa para “nevoeiro” cerebral. A pessoa sente-se confusa, alheada e com dificuldade em se concentrar

